



História e memória: a Revista *Crítica da Economia Política* (CEP)

Entrevista de Pierre Salama¹

Pierre Salama é, com Jean-Luc Dallemagne e Jacques Valier, o fundador da revista *Crítica da Economia Política* (CEP), lançada no fim dos anos 1970, em um contexto de grande atividade militante e numa perspectiva de nutrir a ação política para compreensão das dinâmicas do capitalismo contemporâneo. Nós reconstruímos com ele a história desta revista.

Você nasceu em 1942 e pertence a uma geração que conheceu, durante o período escolar e universitário, um grande número de eventos políticos marcantes e favoráveis a uma politização rápida e radical. Poderia recordar sobre sua trajetória militante daquela época?

Comecei minha vida de militância no sindicalismo estudantil e na oposição à guerra da Argélia, e depois contra os outros conflitos imperialistas. Entrei na classe preparatória² em Paris, no começo dos anos 1960, e aderi à UNEF³, que à época desempenhava um papel muito importante já que, era a organização no seio da qual os diferentes grupos de esquerda contestadora se encontravam e discutiam. Ingressei na Faculdade de Direito e de Economia em Paris para seguir um curso de economia, e lá era extremamente diferente, uma vez que, a extrema direita era massivamente presente e ocupava quase todo espaço político. Enquanto isso, no quadro dos *Comitês Vietnã*⁴, nós conseguíamos ainda a unificar as diferentes tendências e a constituir um grupo relativamente importante. À época, o contexto de uma Universidade claramente à direita obrigava a uma união cerrada. Assim, Jacques Valier, que reencontrei naquele momento, estava próximo dos maoístas, o que nunca foi o meu caso. Depois dos *Comitês Vietnã*, ou quase que ao mesmo

¹ Entrevista a Guillaume Fondu. Tradução do francês de Daiana Carvalho Rodrigues, jornalista e graduanda de Direito da Universidade Federal da Bahia. Contatos: dairodrigues@gmail.com, (71) 9-8840-3997.

² Cursos preparatórios das escolas de engenharia, uma especificidade do ensino francês. Todas as notas são do entrevistado.

³ Union Nationale des Etudiants de France

⁴ *Comitê Vietnã Nacional*, juntamente com os *Comitês de Base*, foram organizações opostas à Guerra do Vietnã. A primeira era influenciada pelos troskistas, a segunda pelos maoístas.



tempo, foi o nascimento da JCR⁵, fundada por jovens comunistas excluídos pelo PCF. E, enfim, a Liga Comunista Revolucionária⁶, fundada após maio de 1968. É neste quadro desta trajetória, paralela a nossa trajetória universitária, que devemos compreender a fundação da revista: as organizações e as tendências são numerosas, mas não existe verdadeiramente um órgão intelectual permanente de discussão das análises uns dos outros. Ainda que o melhor militante da época fosse o estudante mais concentrado e potencialmente interessado nestas discussões.

Antes de adentrarmos à fundação da revista, poderia nos precisar o contexto intelectual da época, na economia. Quais eram os ensinamentos, os professores? Havia os “contraventores” que lhes teriam introduzido no estudo do pensamento de Marx?

A primeira coisa, a saber, é que me destinei, no início, em função dos meus bons resultados escolares, para uma carreira de engenheiro e que a escolha de fazer economia, e economia marxista na sua maior parte, responde a uma vontade militante. A teoria vem depois do engajamento, para nutri-lo. Quanto ao ensino de economia, eles eram ainda muito pouco estáveis e bastante diversificados, embora bastante fraco em sua maioria. Isso explica, sem dúvida, o fato de termos investido tanto na leitura e na auto-formação intelectual. Havia, claro, figuras importantes: Henri Denis (que pertenceu ao Partido Comunista até o final dos anos 1950), antes de tudo, historiador do pensamento econômico, inteligente e erudito, que nos ajudava a intelectualizar nosso radicalismo político, apontando a especificidade teórica do marxismo. Paradoxalmente, é necessário mencionar o curso de Raymond Barre (depois foi Primeiro ministro de Giscard d’Estaing – Presidente da República - entre 1976 e 1981), que era a estrela da economia francesa e ministrava cursos pedagógicos, trazendo sempre questões e discussões as mais recentes. Por outro lado, e isso diz muito sobre o ambiente da época, ele ministrou um curso péssimo sobre Marx, que deu lugar a uma manifestação estudantil reclamando... um “verdadeiro” curso sobre Marx! No dia seguinte, ele admitiu seu erro e nos gratificou com um curso excelente sobre a crise do capitalismo e sua explicação marxista. Ainda havia outros, como Henri Bartoli, por exemplo, vindos da esquerda cristã e

⁵ Juventude Comunista Revolucionária, área de influência da IV Internacional dirigida por Ernst Mandel.

⁶ Movimento troskista também uma área de influência da IV Internacional dirigida por Ernest Mandel.



que se radicalizaram por conta dos acontecimentos. Mas, de uma maneira geral, eles eram fracos.

No entanto, você encontrou pessoas com quem fazer um DES⁷, depois uma tese, com tons críticos, se não marxistas. E, notadamente, marcado por um certo “terceiro-mundismo”. Quem eram?

É verdade. A chance que tive, do ponto de vista universitário, é que, apesar da desconfiança que cercava os “esquerdistas”, meu nível de matemática me permitiu escalar com facilidade, em tornar-me, por exemplo, assistente de Henri Guitton⁸ logo após meu DES em 1967. DES que redigi sob a orientação de Celso Furtado e que tratou da substituição das importações na Argentina. Portanto, algo de desenvolvimentista, sim, o que me permitiu, de uma parte, me interessar por problemas diretamente políticos, aplicando-lhes análises propriamente acadêmicas. Do mesmo modo, minha tese de doutoramento, *Estudos sobre os limites de acumulação nacional do capital nas economias semi-industrializadas*⁹, foi escrita sob orientação de René Passet, que tornou-se mais tarde o primeiro presidente científico da ATTAC (Associação para a Tarifação financeira e para a Ação Cidadã). Desta forma, foi possível politizar a economia recuperando questões debatidas há muito tempo no seio do campo marxista. Mais que os outros, nos detivemos atentamente sobre o debate cambridiano sobre a função da produção, sobre o conceito de capital, etc. Estávamos procurando nestes debates, extremamente técnicos, a possibilidade de dar à nossa tese uma dimensão teórica, que não existia nas demais teses em economia da época. É esta formação que me levará, um pouco mais tarde, ao meu interesse pelo debate, propriamente dito, sobre o valor.

⁷ Diplôme d’Etudes Supérieures, atualmente é designado de Master II.

⁸ Foi o primeiro professor a introduzir o uso da matemática nos cursos de Economia nas faculdades.

⁹ No Brasil foi publicado pela Editora Vozes em 1976.



Sobre a Revista CEP¹⁰ agora. Em que contexto decidiram lançar?

A bem da verdade, foi deveras improvisada e, ainda mais, inesperada. Acabáramos de terminar nossas teses. Jean-Luc Dallemagne, Jacques Valier e eu, e passávamos a maioria do nosso tempo militando. Mas sentíamos, ao mesmo tempo, uma verdadeira necessidade de análises científicas elaboradas por militantes. Especialmente por que vivíamos a ideia de que as dinâmicas do capitalismo, explicáveis “em última instância” pela Economia, estavam diretamente ligadas aos acontecimentos políticos e que uma compreensão clara das tendências e dos ritmos permitiria nos mantermos prontos para as revoltas e revoluções vindouras. Esta é a razão pela qual a ideia de uma revista, resolutamente militante e altamente intelectual, se impôs a nós. Por este motivo, desde sua fundação concreta, a história é o mais trivial. Nós estávamos, todos os três, dentro de um bar de Concarneau, um porto de pesca, e lá, depois de alguns copos, decidimo-nos a solicitar a François Maspéro¹¹ para editar a revista. Nós o encontraríamos a seguir, sóbrios e bastante aterrorizados com a estatura da personagem e o lado um tanto pretencioso do nosso pedido. Maspéro brincava com um elástico durante todo o tempo de nossa apresentação, com sua maneira de estar de lado. Mas, finalmente, suas únicas palavras foram “Quando sairá a primeira edição?”. E a número um saiu em setembro de 1970.

Como reuniram os colaboradores necessários para executar e alimentar a revista? Especialmente porque os assuntos abordados são muito diversos.

De início, sendo sincero, nós reciclamos nossas teses. Jacques Valier trabalhou sobre a inflação arrebatadora, Jean-Luc Dallemagne sobre o sistema monetário internacional e a inflação e eu sobre o subdesenvolvimento: nisso temos os três primeiros números da CEP. Éramos muito poucos no início, e a maioria dos artigos eram escritos por apenas uma mesma pessoa, utilizando-se de vários pseudônimos. Mas não os mesmos utilizados por nós na Liga (Liga Comunista Revolucionária): eu era o Merlin na nº 1, a seguir Baily na nº 3 e J.-L. Dallemagne era Jourdain. Mas, rapidamente, os abandonamos e assinamos com nosso próprio nome. Além disso, a

¹⁰ Critiques de l'économie Politique,

¹¹ Editor das “Edições Maspéro” que teve uma importante atuação durante as guerras da Argélia e do Vietnã traduzindo e publicando muitos livros de esquerda.



revista destinava-se ao ecumenismo (dentro do marxismo). Assim, Carlos Benetti participou da primeira edição (sob o pseudônimo de Dubois), embora ele estivesse muito longe do trotsquismo, por se aproximar do que se chamava tendência italiana. Mas, depois de notar que fazíamos publicidade do *Jornal Rouge* e que evocamos a Liga na apresentação, ele findou sua colaboração conosco. De maneira geral, era difícil encontrar o meio termo: nós nos recusávamos a “curvar” nossa atividade às decisões do Congresso da Liga, mas reivindicávamos, dito isto, um engajamento militante muito forte. Apesar dessas hesitações e de alguns problemas, o sucesso veio logo em seguida. A primeira tiragem foi de 5.000 exemplares, imediatamente vendidos, refizemos outra tiragem de 2.500 exemplares, também vendida, depois os primeiros números ainda foram reeditados na Petite Collection Maspero (assim que outros números mais tardios, notadamente sobre o imperialismo). Mais tarde, o nosso livro, *Uma introdução à economia política*, vendeu 70.000 exemplares em francês e dez ou onze traduções!

Mas, rapidamente, os colaboradores se diversificaram, não? Além dos assuntos abordados na revista, que iam além dos domínios de suas especialidades ...

O sucesso da revista nos permitiu diversificar, sim. Principalmente porque, como ativistas em tempo integral, era impossível manter o ritmo das primeiras edições. Mantínhamos reuniões a cada quinze dias, além da redação dos artigos, leituras, etc. Depois dos primeiros números, introduzimos na revista e em uma coleção de livros, traduções de autores marxistas mais clássicos (Trotsky, com certeza, mas também Rosdolsky, Roubine, por exemplo), assim como, de marxistas contemporâneos que os trabalhos nos pareciam interessantes (H.G. Backhaus, E. Altvater, além de Mandel). Foi isso que nos colocou em contato com germanistas e pessoas que tinham uma proximidade filosófica com o marxismo, C. Colliot-Thélène ou J.-M. Vincent, por exemplo. Tudo isso somávasse a nossas aspirações de um marxismo aberto e conectado à atualidade real. Daí que as edições sobre o “método” (voltado em grande parte contra Althusser e Bettelheim), sobre o valor, o trabalho produtivo, o Estado, etc. Todos os conceitos que utilizávamos numa abordagem econômica foram objeto de uma elaboração coletiva. E tudo isso, recordemos, em um contexto de polêmicas acentuadas dentro do campo marxista: havia controvérsias com Poulantzas sobre o Estado. Bettelheim, por outro lado, ainda que tenhamos consagrado uma edição ao “socialismo real” e que Jean-Luc



Dallemagne tenha seguido esta linha, nunca respondeu verdadeiramente ao que serviu como uma incitação – algumas violentas - ao debate.

Quais foram as relações com os outros grupos e tendências, a partir do sucesso garantido da revista?

Bastante inexistentes. Beneficiávamo-nos, como um monopólio, uma vez que éramos a única revista desta amplitude da esquerda do PCF (Partido Comunista Francês) com um orientação teórica e crítica. O PCF, com certeza, na pessoa de Bernard Marx, eu creio, nos atacava, uma vez que havíamos publicado *Uma introdução à economia política*. Da mesma forma, pensávamos muito mal da tese do capitalismo monopolista do Estado de Paul Boccara. A relação que tivemos veio depois, ainda mais com a fração mais radical da esquerda “Deuxième Gauche” (Segunda Esquerda). Assim, estávamos ligados a militantes e intelectuais da “Gauche Ouvrière et Paysane” (Esquerda Operária e Camponesa), que então integrava o PSU (Partido Socialista Unificado¹²). Lá existia certas discussões. Você encontrará um eco de tudo isso nos artigos sobre o campesinato, por exemplo, uma questão extremamente importante à época, uma vez que ligado aos problemas do desenvolvimento e intervindo de maneira direta nos debates historiográficos sobre os primeiros anos da URSS. Em nenhum outro lugar, a dimensão estritamente teórica de um grande nome de debates, nutridos pela filosofia alemã e da economia cambridgiana, nos protegeu de polêmicas menos interessantes. Ainda mais, mais uma vez, nós éramos muito livres frente a frente com a direção da Liga, que nos observava de longe, com certa bondade, mas de longe. Parece brincadeira, mas o artigo que fez, sem dúvida, mais barulho “politicamente” foi o que Mandel, dedicado à América Latina, no número 16-17. Estávamos, então, em pleno debate sobre a estratégia a ser adotada em relação à guerrilha, e este texto foi lido como uma defesa da política da Liga pelos Morénistas¹³, que faziam oposição à luta armada e ainda aos membros da IVE Internationale.

¹² O dirigente do PSU era, neste época, Michel Rocard.

¹³ Os morenistas eram trotskistas e pertenceram a IV Internacional. Depois se aproximaram do movimento Lambertista (que também era trotskista também) pela reconstrução da IV Internacional.



Sobre as relações com a militância, como você tentou articular o caráter, às vezes abstrato, dos debates e aquele da vida militante?

A primeira coisa que se deve saber é que, o público da época estava ávido pelos debates deste gênero. A maior parte de nós leu Marx na própria fonte, mas os militantes mais jovens da Liga aprenderam Marx a partir de Mandel e a partir daquilo que escrevíamos. Dito isso, nós nos colocamos completamente opostos a uma perspectiva como aquela de Carlo Benetti e de Jean Cartelier, por exemplo, que isolavam a teoria do valor de tudo que se aproximava de fenômenos empíricos do capitalismo contemporâneo. A velha história do Livro I de *O Capital* contra o Livro III. Em todos os nossos trabalhos, nos meus em todo caso, sempre procurava colocar o trabalho teórico e conceitual (sobre o valor e sobre o Estado), ao serviço das abordagens concretas: quando estudávamos o valor, por exemplo, era para compreender a acumulação e os fenômenos monetários; quando estudávamos o Estado era para compreender melhor o papel que ele desempenhava nas economias da periferia, etc. Assim, podíamos sem grande dificuldade realizar a formação militante nas escolas da Liga. Especialmente, porque gozávamos de um grande sucesso. Nas faculdades, apesar dos freios impostos a nossa carreira, os outros professores tinham pavor de nós, convencidos de que tínhamos atrás de nós uma massa de estudantes, prontos para o ataque no menor de nossos chamados. Jacques Valier, pela anedota, foi impossibilitado de realizar uma conferência na Suíça, que ele fez de qualquer jeito e que foi um verdadeiro sucesso. Hoje é muito diferente. Tran Hai-Hac, com quem escrevi mais tarde *Uma introdução à economia de Marx*, disse-me que, certa vez, durante um recente curso sobre economia política para militantes daquilo que era ainda a LCR, que a força de trabalho não era mais que uma mercadoria. Ele esperava uma reação hostil das pessoas, o que teria sido o caso alguns anos antes, mas ninguém disse nada. Uma vez mais, a época era muito particular deste ponto de vista.

A revista, em todo caso, na sua primeira forma, terminou em 1977. Como explica isso?

Sim, a primeira série terminou em 1977. Mas, no total, a revista durou ainda mais sete anos, ao todo foram quinze anos. E, no final, ainda eram vendidos 1.800 exemplares, incluindo assinaturas. Em paralelo, uma versão espanhola e com metade dos textos traduzidos e a outra metade nos originais. Era organizada por



um grupo trotskista mexicano. Ao invés de um desaparecimento, com efeito, foi mais uma transformação, que podemos resumir em dois momentos: um movimento de abertura política, pois recrutávamos mais, por exemplo, um certo número de teóricos regulacionistas¹⁴, muitas vezes bastante distantes do nosso radicalismo político. A seguir, uma mudança temática aconteceu, pois a revista abandonou a teoria para uma abordagem mais orientada para a economia aplicada, notadamente a economia do trabalho. Travava-se de um processo de longo prazo, que já germinava nos últimos números da primeira série. Por outro lado, por uma série de razões associadas à história da Liga (LCR) na época, e notadamente um “tarefismo” exacerbado e um certo aventureirismo que não nos convencia. Fomos, assim, levados a deixar a Liga, Jean-Luc Dallemagne rapidamente, eu e Valier – que não participava de fato das reuniões – um pouco mais tarde, em 1979. Tudo isso num contexto que se afastava, pouco a pouco, do clima dos anos 1970. O exemplo que mais me surpreende é a relação entre a educação e a política. Eu era professor no começo dos anos 1980, houve um movimento de greve na faculdade em 1983, me parece. E eu pude me dar conta a que ponto as técnicas de agitação, que eram praticadas no nosso cotidiano alguns anos antes e que foram esquecidas ou estavam sendo cada vez mais menos eficazes. Era preciso “ensinar” aos estudantes a se organizar. Sobretudo após a greve, tudo voltou a ser como antes! Os diferentes movimentos dos anos 1970 modificaram, a cada vez, a maneira de se ministrar aulas e cursos. O ensino era transformado porque os estudantes saíam dos movimentos sociais com aspirações novas que eles entendiam que deveriam ser contempladas nos cursos. Hoje, temos a impressão de que as greves e as paralizações constituem uma espécie de parêntese pontual sem uma verdadeira ancoragem na rotina universitária.

O senhor acredita que uma revista, no formato semelhante à CEP, teria um sentido no cenário atual?

Um formato idêntico não, certamente que não. É uma tarefa árdua hoje, não é a mesma coisa. Em economia, por exemplo, é a possibilidade de uma alternativa teórica, de uma pluralidade de correntes que deve ser demonstrada. E ainda, mesmo nas faculdades onde ensinasse esta diversidade, fico estupefato de perceber a que ponto há um esvaziamento dos problemas interessantes. As diferentes

¹⁴ Como Robert Boyer.



correntes são simplesmente justapostas umas às outras sem que saibamos muito bem o porque de existirem, o que há de oposto em cada uma delas, quais as posições mais globais que estão por trás, etc. É tudo uma ambiguidade heterodoxa hoje, cujo única reivindicação é o pluralismo. Sem dúvida, trata-se de um jogo de consequências estratégicas, sendo que isto torna dificilmente compreensível as questões em disputa e as tendências que são, muitas vezes, que se estão algumas vezes completamente distantes umas das outras no seio da heterodoxia que elas podem ser opostas ao *mainstream*, que podem se tornar opostas às correntes da moda. A CEP não tinha esse problema: tratavasse de elaborar teoricamente a partir de pressupostos já existentes. E com os desafios que eram difundidos na atmosfera da época. Por outro lado, houve transformações sociológicas evidentes: no contexto de pleno emprego, podiasse considerar que os anos universitários eram muito mais um momento de formação intelectual do que profissional. Hoje, não é mais este o caso, salvo para uma fração extremamente minoritária da população (que, nem de longe, se parece motivada pela formação intelectual). Para o resto, os estudos superiores são primordialmente considerados sob o ângulo da profissionalização. E aqueles que se profissionalizam em economia, aqueles que são eficazes, são por definição, aqueles que se acham instalados, aqueles que dominam. Dito isto, apesar das dificuldades, assiste-se a um sobressalto, a uma reorientação, me parece. Além dos “economistas estupefactos”¹⁵, os estudantes começam a protestar sobre o que lhes é ensinado. Talvez, há, então, um lugar para as formas de produção e difusão de uma economia alternativa, cientificamente ambiciosa e que assume os desacordos e disputas políticas. Talvez seja o caso nas outras disciplinas. Em todo caso, nossa história é de uma institucionalização – difícil, mas real – da perspectiva crítica. Vivemos o fim disto. As questões estratégicas se põem por consequência, nas relações do mundo universitário, a possibilidade de prosperar às suas margens, etc. É preciso trabalhar.

E qual o conselho que o senhor dá aos jovens militantes que desejam retomar esta perspectiva, a intervenção teórica e coletiva na política?

O principal conselho que tenho a dar é sobre a formação. Creio que seja necessário gastar tempo com a leitura dos textos base, as obras fundamentais e um pouco

¹⁵ Movimento importante que surgiu há pouco tempo, em francês é denominado “*économistes attérés*”.



menos de artigos ou de capítulos de livros. Deve-se ler igualmente os adversários teóricos, para conhecer melhor os que adotam suas teses, mesmo que seja um trabalho ingrato (e nós lideramos a proposta da lei do valor e da economia marginal). Creio, de fato, que é através de debates sobre questões de fundo que a gente se forma verdadeiramente, e que a gente solidifica. Eu percebo com felicidade que vemos um certo retorno da teoria, mas é certo que os editores preferem os trabalhos descritivos e que as instituições universitárias valorizam as avaliações econométricas, mesmo, e sobretudo, a coleta de dados sem reflexão em relação à especulações teóricas. Se bem que é difícil para quem deseja construir uma carreira universitária não considerar, até certo ponto, tais exigências. Noto, entretanto, que, em diversos países, pode-se encontrar muitos *blogs* teóricos, polêmicos, escritos por jovens que aparentemente se dobram às exigências do mainstream (das correntes hegemônicas ou da moda), mas que na verdade se “liberam” delas em seus *blogs*. Por outro lado, que seja uma versão em papel ou uma plataforma digital (*site*), é, deste ponto de vista, uma ferramenta excelente.